

Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu
Marisol Montalvo
Joonas Ahonen



05 + 06 dez 24

05 dez 24 QUINTA 20:00

06 dez 24 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu Maestro

Marisol Montalvo Soprano

Joonas Ahonen Piano

Luigi Nono

Como una ola de fuerza y luz

c. 30 min.

INTERVALO

Igor Stravinsky

A Sagração da Primavera

c. 35 min.

Primeira Parte: A adoração da Terra

Introdução

Augúrios primaveris – Dança das adolescentes

Ritual da abdução

Os círculos da primavera

Ritual das aldeias rivais

Cortejo do Sábio

Adoração da terra (O Sábio)

Dança da Terra

Segunda parte: O sacrifício

Introdução

Círculos místicos das adolescentes

Glorificação da eleita

Evocação dos antepassados

Ação ritual dos antepassados

Dança sacrificial (A eleita)

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 40 MIN.

INTERVALO DE 20 MIN.

Luigi Nono

(Veneza, 1924 – Veneza, 1990)

Como una ola de fuerza y luz

—

COMPOSIÇÃO 1971

ESTREIA Milão, 28 de junho de 1972

DURAÇÃO c. 30 min.

O percurso de Luigi Nono marcou as vanguardas musicais do pós-Segunda Guerra Mundial. Incentivado pelo maestro e professor Hermann Scherchen e o colega e amigo Bruno Maderna, Nono frequentou os Cursos Internacionais de Verão de Darmstadt, onde desenvolveu o fascínio pelo serialismo múltiplo e pela música eletroacústica. Paralelamente, o seu empenho em causas políticas enformou grande parte da sua obra. Militante do Partido Comunista Italiano a partir de 1952, Nono entendia a música como uma forma de participação política e de transformação da sociedade. Nessa tarefa, levou as práticas sonoras contemporâneas a novos públicos, a partir de concertos e colóquios organizados em locais de trabalho. *Como una ola de fuerza y luz* foi escrita em 1971 e estreada no Teatro alla Scala de Milão a 28 de junho de 1972. Claudio Abbado dirigiu o pianista Maurizio Pollini, com quem Nono desenvolveu uma relação criativa próxima, o soprano Slavka Taskova e a Orquestra do Teatro alla Scala. A banda magnética foi produzida por Maurizio Zuccheri nos estúdios da RAI de Milão, sob supervisão do compositor. Essa parte da obra consiste em gravações da voz e do piano trabalhadas eletronicamente. Nessa altura, Nono encontrava-se especialmente interessado nos movimentos

de esquerda da América Latina, sobretudo a jovem democracia chilena liderada por Salvador Allende. A morte, em circunstâncias duvidosas, do jovem militante do Movimento de Esquerda Revolucionária, Luciano Cruz Aguayo, marcou Nono, que usou o poema *Luciano*, do jornalista e escritor argentino Julio Huasi. O texto glorifica a força e energia de Luciano, apresentando-o como exemplo de empenho na transformação do mundo. *Como una ola de fuerza y luz* começa com a sobreposição de *clusters* orquestrais que preparam a entrada solitária da voz em tom de imprecisão e lamento; segue-se uma passagem que alterna o registo cantado e o falado. Gestos percussivos do piano aproveitam a ressonância natural do instrumento com recurso ao pedal, aos quais se junta a banda magnética apresentando a gravação do piano, eletronicamente modificado. Intervenções curtas e violentas da orquestra, focadas nos instrumentos graves de bocal e nos contrabaixos, interagem com os pianos. O diálogo entre pianista e orquestra toma primazia, cedendo lugar à interação entre solista e banda magnética, numa sucessão ascendente de *clusters*. A reentrada do soprano faz-se num registo lírico, acompanhado pelo piano e banda magnética. As curtas

Igor Stravinsky

(Oraniembaum, 1882 – Nova Iorque, 1971)

A Sagração da Primavera

—

COMPOSIÇÃO 1913

ESTREIA Paris, 29 de maio de 1913

DURAÇÃO c. 35 min.

intervenções pontilhísticas evocam inflexões angulares do serialismo múltiplo associado a Darmstadt. O soprano regressa com a curta imprecação “Luciano!” e retira-se, deixando a condução à fita magnética. O regresso da orquestra num registo grave, misterioso e percussivo, com polifonia horizontal, reforça o estatismo. Após uma passagem protagonizada pelas cordas, harpas e clarinetes, a entrada do piano faz-se com pontuações da orquestra. O bombo lança uma figuração ascendente sublinhada pelas ressonâncias do piano, que desemboca numa secção que explora, simultaneamente, os registos extremos, aproximando-se ao limiar da audibilidade humana, com especial destaque para os flautins. Um breve interlúdio eletrónico antecipa um *tutti* ressoante, baseado em curtas e marcadas intervenções em *cluster*. O caráter de lamento regressa com a fita magnética, em que a voz gravada é sobreposta e transformada, como se um coro de carpideiras chorasse a morte de Luciano Cruz Aguayo.

Os *Ballets russes* promoveram várias tendências modernistas congregando coreografia, música e artes visuais de uma forma ímpar. *A Sagração da Primavera* é um bailado de Stravinsky estreado a 29 de maio de 1913, no Teatro dos Campos Elísios. A companhia dos *Ballets russes* e a orquestra, dirigida por Pierre Monteux, protagonizaram um escândalo artístico em grande escala. Para isso, contribuiu a coreografia iconoclasta da Vaslav Nijinsky, que geometrizou os corpos nesse bailado. A companhia de dança liderada pelo empresário Sergei Diaghilev foi fundamental para a afirmação do jovem Igor Stravinsky e atribuiu-lhe grande visibilidade.

Para o argumento de *A Sagração*, Stravinsky contactou com Nicolas Roerich, pintor e arqueólogo que idealizou o universo pagão russo em que se desenrola a ação. O bailado narra um rito pagão de fertilidade envolvendo um sacrifício humano e encontra-se dividido em duas partes: *A adoração da Terra* e *O sacrifício*. A primeira representa os preparativos para uma cerimónia em que uma virgem dança até à morte sob os olhares do coletivo, valorizando uma relação direta com as forças telúricas. A segunda apresenta o rito sacrificial, exacerbando o primitivismo do ato. Os diversos passos do ritual mostram as danças associadas ao

retorno primaveril à vida, a seleção e o sacrifício da virgem, interpretada na estreia pela bailarina Maria Piltz. *A Sagração da Primavera* é uma obra baseada em motivos, quase todos associados a repertório primaveril. Muitos dos mesmos foram aproveitados da música tradicional do Império Russo; contudo, os elementos são segmentados, sobrepostos e transformados por Stravinsky de forma a integrarem uma complexa trama de texturas. A sobreposição de contextos harmónicos estáticos, com frequente recurso ao cromatismo, apresenta-se fundamental, pois sublinha o modalismo da peça, que evoca o património tradicional dos povos do Império Russo. A primazia do ritmo e a complexidade de texturas e acentuações apresenta-se como uma forma especial de transcender aspetos temáticos e harmónicos. Nesse contexto, Stravinsky adaptou a escrita musical ao resultado desejado, incluindo constantes mudanças de compasso de forma a marcar a assimetria. A constante sobreposição de *ostinati* de valores rítmicos distintos e de duração desigual resultam numa complexa polirritmia. Esta valorização do ritmo enquadra-se na celebração estética do “primitivo” da cerimónia de sacrifício,

para a qual contribuiu a orquestração pouco usual. Nela, Stravinsky subverteu os papéis tradicionais dos instrumentos da orquestra, valorizando os sopros enquanto portadores de motivos e atribuindo funções percussivas (por vezes homorrítmicas) às cordas, resultando numa “primitivação” da componente tímbrica da obra. A valorização das tessituras extremas da orquestra, quer pelo papel atribuído aos diversos instrumentos quer pela inclusão do contrafagote, do trompete baixo ou do clarinete baixo, é um elemento a destacar. O acordar da Primavera é representado na introdução por motivos circulares flutuantes dominados pelos sopros, que evocam as flautas campestres. A anciã chega, acompanhada da percussividade irregular das cordas. Em *Augúrios primaveris – Dança das adolescentes*, as raparigas dançam acompanhadas de melodias diatónicas em repetição. A tensão cresce em *Ritual da abdução* e *Os círculos da primavera*, que antecipam a divisão do grupo de bailarinos no *Ritual das aldeias rivais*, passagem acompanhada de explosões da orquestra em torno de um curto motivo. O *Cortejo do Sábio* assinala uma acalmia relativa

que antecipa a enérgica *Dança da Terra*. Esta amálgama de sincopação, melodias sinuosas nas cordas e fanfarras conduz a primeira parte do bailado ao término. A segunda parte começa com uma melodia de sabor popular que atravessa os diversos naipes. O mistério domina em *Círculos místicos das adolescentes*, episódio em que solos de instrumentos de sopro recapitulam alguns elementos da primeira parte. A orquestra baseada em compassos irregulares é transformada num gigantesco agrupamento de percussão em *Glorificação da eleita*, onde se enaltece a escolhida para o sacrifício. A breve *Evocação dos antepassados* desenrola-se através do brilho das fanfarras e percussão sobre acentuações assimétricas, conduzindo à *Ação ritual dos antepassados*, numa textura de marcha que apoia motivos sinuosos apresentados pelos sopros. Estes desembocam na *Dança sacrificial* da eleita, um crescendo de horror e tensão em que o ritmo se emancipa dos outros elementos e a orquestra encarna os personagens do bailado. Do solo inicial de fagote ao final percussivo e enérgico, Stravinsky conduz-nos a uma viagem única que funde a vanguarda com o primitivo num substrato modernista cheio de tensões e instabilidade.

NOTAS DE JOÃO SILVA

Hannu Lintu

O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Em paralelo, prossegue o seu trajeto como Maestro Principal da Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia. Na temporada 2023/24, foi anunciada uma futura parceria artística com a Sinfónica de Lahti, com início no outono de 2025. A temporada 2024/25 inclui a estreia no Festival de Bergenz, bem como regressos à Sinfónica de Chicago, à Sinfónica da BBC, à Sinfónica da Rádio Finlandesa, à Filarmónica de Londres, à Sinfónica de St. Louis e à Sinfónica do Oregon. Nos últimos anos dirigiu, entre outras orquestras, a Filarmónica de Nova Iorque, a Filarmónica de Berlim, a Orquestra de Cleveland, a Sinfónica da Rádio da Baviera, a Orquestra Nacional da Radio France, a Sinfónica de Boston, a Sinfónica da Rádio Sueca, a Deutsches Symphonie-Orchester Berlin, a Sinfónica de Atlanta, a Orquestra do Konzerthaus de Berlim e a Sinfónica de Montreal, e solistas como Gil Shaham, Kirill Gerstein, Daniil Trifonov ou Sergei Babayan. Dirige regularmente repertório de ópera. Neste domínio, os destaques recentes incluem *O Navio Fantasma* de Wagner, na Ópera de Paris, e *Pelléas et Mélisande* de Debussy, na Ópera Estadual da Baviera, bem como várias produções para a Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia, incluindo *O Anel do Nibelungo* de Wagner, *Dialogues des Carmélites* de Poulenc, *Don Giovanni* de Mozart, *Turandot* de Puccini, *Salome* de R. Strauss, *Billy Budd* de Britten, e uma versão coreografada da *Messa da Requiem* de Verdi. Hannu Lintu estudou violoncelo e piano na Academia Sibelius, em Helsínquia, instituição onde mais tarde se formou em direção de orquestra com Jorma Panula. Estudou também com Myung-Whun Chung na Accademia Musicale Chigiana, em Siena. Em 1994 venceu o Concurso Nórdico de Direção de Orquestra, em Bergen.

Marisol Montalvo

A americana Marisol Montalvo é uma das mais solicitadas intérpretes de música do século XX e contemporânea. Para além de colaborar com grandes orquestras e maestros de renome mundial, teve o privilégio de trabalhar com compositores como Matthias Pintscher, Olga Neuwirth ou Wolfgang Rihm. Alguns compuseram peças e personagens especialmente para ela, incluindo Peter Eötvos (Sierva Maria, em *Love and Other Demons*), Pascal Dusapin (Prothoe, em *Penthesilea*) e Marco Stroppa (Olbia, em *Re Orso*). A sua afinidade com a música contemporânea proporcionou também colaborações regulares com o Klangforum Wien, o Ensemble Intercontemporain, o International Contemporary Ensemble, o Remix Ensemble ou o Ensemble Modern.

Embora tenha alcançado sucesso num diversificado repertório de ópera, Montalvo está particularmente associada ao papel principal de *Lulu*, de Alban Berg, após a sua estreia na Ópera Nacional de Paris. Posteriormente, *Lulu* tornou-se a peça central do seu trabalho teatral; apresentou-a na Deutsche Oper Berlin, no Théâtre du Capitole de Toulouse, no Theater an der Wien, na Komische Oper Berlin e na Ópera de Basileia, entre outros palcos.

Montalvo desenvolve uma relação de trabalho particularmente próxima com o maestro Christoph Eschenbach. Mais recentemente, interpretou o papel de Sophie, numa versão de concerto de *O Cavaleiro da Rosa*, com Eschenbach e a National Symphony Orchestra, no Kennedy Center de Washington DC. Trabalhou também com maestros como D. Harding, V. Jurowski, C. Hogwood, Y. Temirkanov, S. Camberling, S. Mälkki, L. Zagrosek ou Sir Neville Marriner.

Apresentou-se na Ópera de Zurique, no Gran Teatro del Liceu de Barcelona, no Teatro Real de Madrid, no Théâtre du Châtelet, no Grande Teatro de Genebra, na Ópera de Monte Carlo, na Opéra-Comique e nos festivais de Bregenz, Baden-Baden e Glyndebourne.

Joonas Ahonen

O repertório do pianista finlandês Joonas Ahonen estende-se da música para tecla do século XVIII até estreias de obras contemporâneas. Como membro do Klangforum Wien, durante doze anos, colaborou com compositores no ativo, incluindo Tristan Murail e Beat Furrer. Destaques de atuações recentes incluem o Concerto para Piano de Unsuk Chin, com a Sinfonietta de Basileia, a estreia mundial do Concerto para Piano de Bernhard Gander, em Estugarda, o Concerto para Piano de Philipp Maintz, com Marin Alsop e a Sinfónica da Rádio de Viena, a *Sonata Concord* de Charles Ives, no Teatro Colón de Buenos Aires, e *Makrokosmos* de George Crumb, no Festival de Salzburgo. Com a violinista Patricia Kopatchinskaja, apresentou-se no Teatro alla Scala de Milão, no Konzerthaus de Viena, no Toppan Hall de Tóquio e no Festival Menuhin de Gstaad. O álbum do duo, "Le monde selon George Antheil" (Alpha Classics, 2022), foi caracterizado na *Gramophone* com um "milagre".

A discografia de Joonas Ahonen inclui também o Concerto para Piano de Ligeti, uma integral das Sonatas para Piano de Charles Ives, as *Variações Diabelli* de Beethoven (num pianoforte de 1838) e um disco de primeiras gravações mundiais, com o violinista Pekka Kuusisto. Tocou Morton Feldman num celeiro escuro na Finlândia, partiu um violino em *One for Violin Solo* de Nam June Paik, e participou numa digressão europeia de *Achterland*, de Anne Teresa De Keersmaeker, com o projeto de dança Rosas. Desde 2023, é professor de piano na Universidade de Música e Dança de Colónia.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Jukka Merjanen CONCERTINO*
Francisco Lima Santos 1º CONCERTINO AUXILIAR
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR
Alessandro di Marco 1º SOLISTA
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Matilde Araújo
Catarina Ferreira
Rui Cristão
Vicente Sobral*

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Piotr Rachwal 2º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Margarida Queirós
Camille Bughin
Francisca Fins
Miguel Simões
Asilkan Pargana
Catarina Resende

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA
Lu Zheng 1º SOLISTA
João Tiago Dinis 2º SOLISTA
Nuno Soares
Sara Moreira
Micaela Miranda
Raquel Noemi
Márcia Marques
Sara Farinha
Maria Inês Monteiro
Bárbara Ferreira

Orquestra Gulbenkian

VIOLONCELOS

Marco Pereira 1º SOLISTA
Emeraude Bellier 1º SOLISTA*
Martin Henneken 2º SOLISTA
Raquel Reis 2º SOLISTA
Jeremy Lake
Gonçalo Lélis
João Valpaços
Hugo Paiva
Maria Leonor Moniz

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA
Domingos Ribeiro 1º SOLISTA
Manuel Rego 2º SOLISTA
Marine Triolet
Miguel Menezes
Diogo Pereira
Vanessa Lima*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA
Sónia Pais 1º SOLISTA
Amalia Tortajada 2º SOLISTA
Natália Monteiro 2º SOLISTA*
Sílvia Janete 2º SOLISTA*
Mafalda Carvalho 2º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA
Nelson Alves 1º SOLISTA
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA
CORNE INGLÊS
Filipe Freitas 2º SOLISTA*
Sofia Rosa 2º SOLISTA*

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA
Telmo Costa 1º SOLISTA
José Maria Mosqueda 2º SOLISTA
CLARINETE BAIXO
Ricardo Alves 2º SOLISTA*
Samuel Marques 2º SOLISTA*
David Dias da Silva 2º SOLISTA*

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA
Vera Dias 1º SOLISTA
Raquel Saraiva 2º SOLISTA
CONTRAFAGOTE
Leonor Queirós 2º SOLISTA*
Joana Maia 2º SOLISTA*
Rodrigo Vasques 2º SOLISTA*

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA
Kenneth Best 1º SOLISTA
Pedro Fernandes 2º SOLISTA
Antonia Chandler 2º SOLISTA
Armando Martins 1º SOLISTA*
Dário Ribeiro 1º SOLISTA*
Rodrigo Carreira 2º SOLISTA*
José Alexandre Marques 2º SOLISTA*
Jaime Resende 2º SOLISTA*

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA
José Pedro Pereira 2º SOLISTA
Sérgio Pacheco 1º SOLISTA*
Jorge Pereira 2º SOLISTA*
Luís Campos 2º SOLISTA*
Dawid Seidenberg 1º SOLISTA*
TROMPETE BAIXO

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA
Rui Fernandes 2º SOLISTA
Thierry Redondo 2º SOLISTA
TROMBONE BAIXO
Tiago Noites 2º SOLISTA*
Duarte Neiva 2º SOLISTA*

TUBA

Amilcar Gameiro 1º SOLISTA
Xavier Novo 1º SOLISTA*
Elmano Pereira 2º SOLISTA*

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA
Nicola Woud 1º SOLISTA*

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA
Tomás Rosa 2º SOLISTA*
Marco Fernandes 2º SOLISTA*
Miguel Herrera 2º SOLISTA*

HARPA

Ana Aroso 1º SOLISTA*

MODULAÇÃO SONORA

Gil Fesch

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins
Marta Ferreira de Andrade
Pedro Canhoto
Fábio Cachão
Inês Nunes

07 dez 24

SÁBADO 21:00 — GRANDE AUDITÓRIO

Sissoko - Segal - Parisien - Peirani

Ballaké Sissoko Kora

Vincent Segal Violoncelo

Émile Parisien Saxofone

Vincent Peirani Acordeão

Les Égarés



Les Égarés © MAD MINUTE MUSIC

12 dez 24

QUINTA 20:00 — GRANDE AUDITÓRIO

13 dez 24

SEXTA 19:00 — GRANDE AUDITÓRIO

9.ª de Mahler

Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu Maestro

Leila Josefowicz Violino

Alban Berg e Gustav Mahler



Hannu Lintu © JORGE CARMONA

Il pomo d'oro



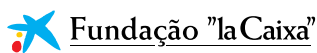
**Sacrae Cantiones
Gesualdo**

15 dezembro

DOM, 18:00 — M/6



A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

